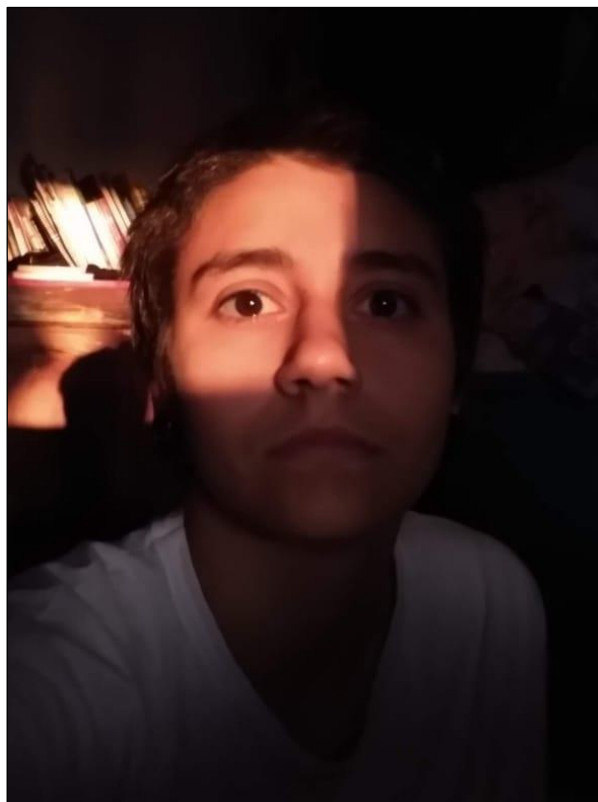




JULLIANE FERREIRA SACHI

Tela Mineral



Sou **Julliane Ferreira Sachi**, estudante, desde 2017, do curso de Letras Artes e Mediação Cultural na UNILA. Dentro da universidade meus principais temas de pesquisa são teatro político, corpo e sexualidade. Nasci no entorno do Distrito Federal e vivi, quando criança, no sul de Minas Gerais, em Cambuquira. Atualmente, devido à pandemia, estou em São Thomé das Letras. São Thomé é uma cidade que desperta em mim sentimentos profundos da minha infância. Com o passar dos anos, fica mais nítido o descaso político com a cidade e com a população, mesmo diante da devastação desenfreada da biodiversidade. É gritante o desmatamento que a região vem sofrendo. Hoje se vê outra paisagem e, conseqüentemente, o agravamento de questões como saúde pública, escassez hídrica, poluição do solo e desequilíbrio climático.

E-mail: jupiter.caju@gmail.com



Memorial descritivo

TELA MINERAL, por Julliane Ferreira

A obra é uma colagem em quartzito plaqueado com folhas recolhidas do chão. O quartzito foi encontrado no quintal da minha casa, em Minas.

A maior mobilização para compor esta colagem foi o incômodo com a perda das paisagens naturais de São Thomé das Letras, devido ao processo massante de extração mineral que persegue há séculos Minas Gerais. A destruição da montanha não é a única consequência que o lugar vem sofrendo ao longo dos muitos anos de extração mineral, as águas também ficam contaminadas.

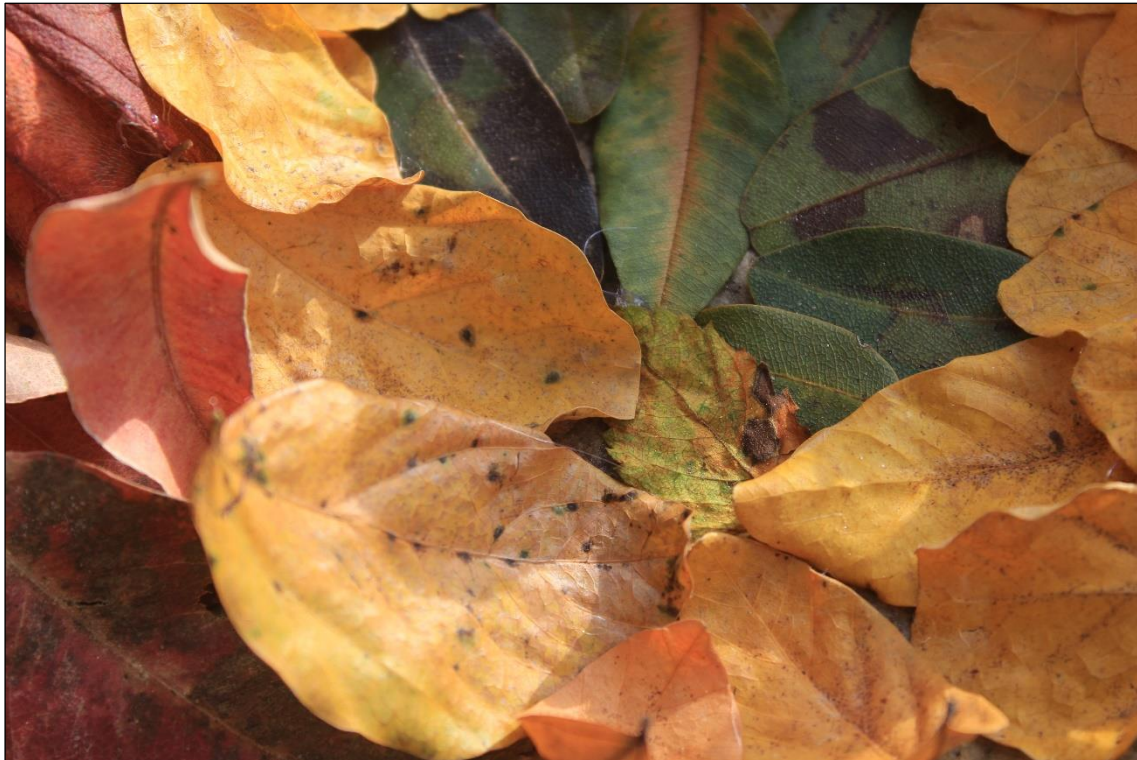
A pedra quartzito plaqueada, conhecida popularmente como pedra São Thomé, é o motivo de tantas empresas ocuparem a região, pois, junto ao turismo, a exportação desta pedra é a principal atividade econômica. Isto é bem contraditório, levando em conta o fato de que a exploração dos recursos minerais está acabando progressivamente com os principais pontos turísticos da região. De fato, por ser uma região de vegetação abundante, o turismo que predomina é o turismo ecológico. Muitas pessoas visitam a cidade com o intuito de apreciar a natureza.

As pedras de quartzito plaqueadas, evidentemente, são encontradas em grandes quantidades na região. Está presente tanto nos montes como nas estradas da roça de São Thomé. A pedra também é o principal material de construção de casas e estabelecimentos locais.

A escolha do material, como tela de composição da colagem, faz jus ao cerne da questão: a própria pedra de São Thomé. A escolha das folhas, que acompanham a pedra, não foi aleatória: optei por compor um mosaico de cores quentes que vão do amarelo ao vermelho, centralizadas pela cor verde. Isto, com o fim de metaforizar nuestras montanhas, que são serpenteadas pelas labaredas do fogo das explosões que os dinamites provocam, quase diariamente.

Infelizmente, considerando a lógica econômica das sociedades capitalistas de América Latina, há um longo caminho para percorrer até que possamos garantir políticas que visam fazer justiça ambiental e justiça social para combater às diversas matrizes de exploração aos recursos naturais.







La Minería

Em São Thomé Das Letras a montanha é entendida como uma entidade. É a representação da grandeza que permite a conexão com o sagrado.

Nas manhãs ensolaradas, majestosamente, raios circenses vão ao encontro de um mar de folhas e rochas que circundam a magnitude que compõe este ser:

O topo.

No cume, não há nada, nem ninguém, além da própria natureza. De vez em quando as nuvens encobrem a paisagem montanhosa, tão perto e tão impactante.

O pôr-do-sol desperta, para quem é daqui, o ritual de agradecimento por mais um dia de vida. Nesses momentos, a energia da eternidade, que o tempo expressa, vibra.

O principal apoio da economia colonial foi a mineração, e até hoje Minas Gerais é explorada pela ganância extrativista. Aqueles que comem nuestras montanhas, e vendem as riquezas da terra, em grande parte das vezes atuam de forma ilegal. É cruel sentir, quase diariamente, o estrondo de dentro das montanhas, que as dinamites provocam. El sonido afeta os trabalhadores que ali convivem com o barulho. E também e afetada a vegetação, que é atingida com a destruição, em parcela, da sua mata viva: os animais, rios e as árvores contorcidas do cerrado e mata atlântica.

Até quando? Quando o verde que preenche as estradas desapareça? Berramos, até quando? Até quando os rios não forem mais bebíveis? Até quando essa morte lenta? Até quando morreremos em prol do avanço? Avanço do quê? Da vida sem gente, sem bixo, nem água, nem ar? Pois então estamos a caminho do progresso: progressivamente-mortos.